

A MICROCONSTRUÇÃO *ALTO LÁ*: REDE, *LINKS* E ANALOGIZAÇÃO

Flávia Saboya da Luz Rosa

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Mariangela Rios de Oliveira

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Hanna Jakubowicz Batoréo

Doutoranda

RESUMO: Neste artigo, com base, sobretudo, nos postulados de Traugott & Trousdale (2013), apresentamos a microconstrução *alto lá*, instanciadora da mesoconstrução refrador-argumentativa [Injun_RLOC]_{RA}¹. Por meio da coleta de dados realizada no *Corpus* do Português, observamos, no século XVII, os primeiros registros do termo *alto* (originário do comando militar em língua alemã *halten* = pare). No século XIX, foi constatado o emprego da construção *alto lá*, já em pareamento de forma e função, como marcador discursivo. Acreditamos ter havido pensamento analógico por parte de enunciatários, a partir de construtos ambíguos de *alto lá*, e aplicação do melhor encaixe, associando a expressão à família da macroconstrução marcadora discursiva de base verbal e locativa [VLOC]_{MD}, tratada por Teixeira (2015). Entendemos que os *links* de propriedades discursivo-pragmáticas da rede construcional, assim como aqueles referentes a determinadas características formais propiciaram o processo de analogização.

PALAVRAS-CHAVE: Construção, rede, analogização, marcador discursivo.

Introdução

A investigação das expressões *aguenta aí*, *alto lá*, *calma aí*, *calma lá*, *escuta aqui*, *espera aí*, *espera lá* e *para aí*, foco de minha tese de doutorado, tem como principal base

¹ A mesoconstrução refrador-argumentativa [Indut_RLOC]_{RA} é o objeto central de minha tese de doutorado, ainda em andamento, com foco nas microconstruções *aguenta aí*, *alto lá*, *calma aí*, *calma lá*, *escuta aqui*, *espera aí*, *espera lá* e *para aí*.

teórica a abordagem da Construcionalização e Mudança construcional (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), além de se amparar nos princípios dos contextos de mudança linguística (DIEWALD; SMIRNOVA, 2012). Revisitando e adotando os termos de Traugott (2008), entendemos que as microconstruções supracitadas instanciam a mesoconstrução refradora-argumentativa [Injdut_RLoc]_{RA}, que, por sua vez, permite a conceptualização da macroconstrução marcadora discursiva formada por locativos [IndutLoc]_{MD}. Essa construção de nível mais abstrato abriga outras, mais específicas, observadas nos estudos do grupo de pesquisa Discurso & Gramática (D&G) UFF, do qual faz parte a pesquisa aqui apresentada. Para a realização do estudo histórico que desse conta do processo de construcionalização das expressões, nos valem do *Corpus* do Português, analisando textos do século XIII ao XX. Nossa hipótese, até a presente fase de pesquisa, é de que as microconstruções *alto lá* e *espera aí* sejam as mais originais da categoria e tenham, paralelamente, sofrido influência analógica do padrão estudado por Teixeira (2015). Neste trabalho, na primeira seção, tratamos, em especial, do microconstrução *alto lá*, licenciada pela mesoconstrução [Indut_RLoc]_{RA}, que apresenta a função pragmático-discursiva de reframento da fala do interlocutor e introdução do argumento do locutor. Na segunda seção, realizamos apontamentos sobre rede construcional e links realizados para que se chegue ao mecanismo da analogização. Na terceira, fazemos as considerações finais, projetando os próximos passos da investigação.

A microconstrução *alto lá*

Nesta seção, expomos um breve estudo relativo ao surgimento, composição e uso da microconstrução *alto lá*, que dentre as expressões investigadas para a tese de doutorado, apresentou maior quantitativo como marcador discursivo no século XIX. Os dados foram coletados em textos produzidos entre os séculos XIII e XX, disponibilizados no *Corpus* do Português.

Para que se entenda a origem da construção *alto lá*, é preciso, primeiramente, compreender o significado de *fazer alto*. Para isso, vejamos a descrição encontrada no Dicionário Português e Latino, de Raphael Bluteau, publicado entre 1712 e 1721:

§ P# Alto (Termo militar.) Fazer alto, he parar em hum lugar, porque quando a astea do estendarte, ou bandeira, se levanta, & se finca no chaõ, ficando

alta, pàra todo o exercito. Querem alguns, que neste sentido Alto se derive do Imperativo do Verbo C# Halten, P# que em Alemão val o mesmo, que parar Fazer alto suspender a marcha Parar, quando o Capitaõ o manda [L# Subsistere. Cic. Iter suppressere. Caesar. Sustinere signa. Caesar. P# Mandar fazer alto L# Sistere P# com accusativo. L# Tit. Liv. Aciem Sistere, P# ou L# Subsistere. Jubere gradum supprimi. Caesar. P# No apparato do P. Delbrum se acha, L# Jubere moram, & substentationem. P# Em outro dicionario se acha, L# conclamare moram in agmine. Suppressionem gradijs edicere in agmine. [A. 302] O General, mandou fazer alto L# Ducis imperio totus exercitus substitit. P# Descobertas as ciladas, o exercito fez alto por algum espaço de tempo L# Cognitis insidijs paulisper agmen constitit. Sallust. P# AltoL# Gradùs supressio. Incessus euntes agminis suppressio. § P# Marcharaõ as tropas até fazerem Alto à vista de Guimaraens. (BLUTEAU, Raphael. Vocabulario Portuguez e Latino. 1712-1721).

Conforme o exposto, há duas hipóteses para a origem da expressão *fazer alto*, no sentido de *parar*. Na primeira, faz-se relação do termo com o ato de fincar a bandeira ou o estandarte em posição elevada diante de uma tropa sinalizando o comando de interrupção da marcha. Nesse caso, o vocábulo seria resultado de dupla extensão metonímica² do adjetivo *alto*, numa relação em que se toma 1) a qualidade (alto) pelo qualificado (estandarte) e 2) a causa (fincar o estandarte alto > alto) pela consequência/efeito (interromper a marcha da tropa). Na segunda, entende-se que se trata de adaptação em português da interjeição alemã *halt* (alto (aí)!), proveniente do verbo *halten* (parar) (DICIONÁRIO ALEMÃO-PORTUGUÊS PONS ON-LINE, 2018).

A partir da compreensão de que, seja em quaisquer das proposições, a origem do termo deu-se em âmbito militar com o sentido de realização de parada da tropa, é possível analisar os fragmentos a seguir. É importante ter em vista que, quando se fala a respeito dessa ação, em sequências tipológicas, geralmente, narrativas, a expressão utilizada é *fazer alto*. No entanto, quando há inteiração dialógica, em que o locutor pretende comunicar um comando ao(s) seu(s) interlocutor(es), a expressão empregada é *alto*. A

² Conceitos metonímicos nos permitem conceptualizar uma entidade por meio de sua relação com outra entidade. [...] Assim como os metafóricos, conceitos metonímicos são fundamentados em nossa experiência. De fato, a base dos conceitos metonímicos é, em geral, mais óbvia do que os casos com conceitos metafóricos, já que, usualmente, envolve associações físicas diretas ou causais. (LAKOFF; JOHNSON, 2003).

seguir, apresentamos uma tabela com o quantitativo de expressões que contém o termo *alto*, coletadas no corpus, seja antecedido por flexões do verbo fazer, seja seguido por pronome locativo.

Tabela 1: Quantitativo dos registros de *alto* do século XIII ao XX

| | XIII | XIV | XV | XVI | XVII | XVIII | XIX | XX |
|------------------------|------|-----|----|-----|------|-------|-----|----|
| <i>fazer alto</i> | - | - | - | - | 02 | 01 | 08 | 02 |
| <i>fazerem alto</i> | - | - | - | - | - | 01 | - | - |
| <i>fazendo alto</i> | - | - | - | - | - | - | 02 | - |
| <i>feito alto</i> | - | - | - | - | 01 | - | - | - |
| <i>fazem alto</i> | - | - | - | - | - | - | 01 | - |
| <i>fazia alto</i> | - | - | - | - | - | - | - | 01 |
| <i>fiz alto</i> | - | - | - | - | - | 01 | - | - |
| <i>fez alto</i> | - | - | - | - | 01 | 01 | 09 | 03 |
| <i>fizemos alto</i> | - | - | - | - | - | - | 01 | 01 |
| <i>fizeram alto</i> | - | - | - | - | - | 01 | 01 | 03 |
| <i>fizera alto</i> | - | - | - | - | - | - | - | 03 |
| <i>faça alto</i> | - | - | - | - | - | - | 01 | - |
| <i>fizéssemos alto</i> | - | - | - | - | - | - | 01 | - |
| <i>Fizessem alto</i> | - | - | - | - | - | - | - | 01 |
| <i>alto</i> | - | - | - | - | - | - | * | * |
| <i>alto aqui</i> | - | - | - | - | - | - | 01 | - |
| <i>alto aí</i> | - | - | - | - | - | - | 03 | - |
| <i>alto lá</i> | - | - | - | - | - | - | 48 | - |

Fonte de dados: *Corpus* do Português. *Coleta ainda em andamento.

Para pensarmos a evolução da expressão *alto lá* até o seu uso discursivo, lançamos mão da abordagem de Diewald (2002, 2006) e Diewald e Smirnova (2012) sobre os tipos de contexto da construcionalização gramatical: fonte, atípico, crítico, isolado, paradigmático. É importante destacar que, *no corpus*, a expressão *fazer alto* tem seu

primeiro registro no século XVII, no entanto, a construção *alto lá* só é encontrada no século XIX. Nesse período, foram observadas sequências lexicais composicionais, formadas pela interjeição seguida de pronome locativo, padrões construcionais ambíguos, entre o léxico e o discurso e construções marcadoras discursivas, conforme veremos, respectivamente, a seguir:

Fragmento 1:

*Vamos embora daqui.. Este não esperou convencer o companheiro: desceu a ribanceira do cascalho. O mais intrépido teve também a prudência de todos os assassinos assalariados: seguiu o assustadiço, e deu-lhe razão, quando ouviu após de si os passos velozes dos perseguidores. Saiu - -lhes o amo de frente, quando dobravam a esquina do quintal, e disse-lhes: - Vocês a que fogem, seu poltrões? Os homens pararam de envergonhados, aperrando os bacamartes. João da Cruz e o arrieiro apareceram, e Baltasar caminhou para eles, bradando: - **Alto** aí! O ferrador disse ao cunhado: - Fala-lhe tu, que eu não quero que ele me conheça. - Quem manda fazer **alto**? - disse o arrieiro. - São três clavinas - respondeu Baltasar. - Olha se os demoras a dar tempo que o doutor saia - disse João da Cruz ao ouvido do arrieiro. - Pois nós cá estamos parados - replicou o criado de Simão. - Que nos querem vocês? - Quero saber o que têm que fazer neste sítio. (CASTELO BRANCO, Camilo. Amor de Perdição. 1861).*

Fragmento 2:

*[...] berrando e brandindo ameaçadoramente paus, fources e chuços e todas as peças do extravagante arsenal a que o homem do povo recorre sempre, ao chamamento da arruaça ou da sedição. Era o bando dos influentes da taberna do Canada, de cujo propósito estávamos prevenidos; agora, porém, já engrossado, como a corrente a que no caminho se incorporam as águas dos algares. Entre os primeiros vinha o Sr. Joãozinho das Perdizes e ao seu lado o seu factotum Cosme. Estes enraivados correram para o lugar onde parara o enterro, bradando em confusão: - **Alto** lá! **Alto** lá! Ninguém se enterra aqui! - Esperem! Isso não vai assim! - Não façam a festa sem nós! - Fora com os do cemitério! - Morram os pedreiros-livres! #344 - Para a igreja! - Enterre-se na igreja! - Olá, Sr. abade, espere por nós! - Aqui vamos para abençoar a cova! E num momento o cortejo fúnebre viu-se rodeado de figuras avinhadas,*

gesticulando e vociferando pouco tranquilizadamente. (DINIS, Júlio. A morgadinha dos canaviais. 1868).

Fragmento 3:

*[...]salvou galhardamente a vida das garras de uma onça e é motivo de sobra para que eu lhe seja eternamente agradecida, e creio que também para que o primo não abocanhe e não despreze assim um homem, que não lhe fez mal algum. - Nenhum mal.. eu sei. e também que me importa a mim esse homem. Ou por sim, ou por não, amanhã ou depois, logo que ele possa montar a cavalo, hei de levá-lo para minha casa, porque é nosso hóspede, e meu tio nenhuma obrigação tem de agüentá-lo. - **Alto** lá, primo! - atalhou Paulina com vivacidade; - menos essa.. temos muito mais obrigação do que o senhor, e havemos de agüentá-lo com muito prazer. Enquanto não sarar de todo, ele é nosso, e não arreda pé daqui. - Isso era bem belo. e a mulada dele que lá fica à toa.. não hei de ser eu que hei de tomar conta dela.* (GUIMARÃES, Bernardo. Histórias e tradições da província de Minas Gerais. 1872)

Considerando os três fragmentos acima, parece desenhar-se uma trajetória de construcionalização gramatical. Embora, neste artigo, não tratemos da abordagem de Diewald (2002, 2006) e Diewald e Smirnova (2012) sobre os tipos de contexto desse percurso, conforme feito em Rosa (2017), vislumbramos nos dedicar, em análises futuras, à convergência entre analogização e construcionalização. Segundo Torrent (2015), analogia e chunking (processos cognitivos gerais) e gramaticalização (considerado um tipo específico de mudança) não são processos mutuamente exclusivos e têm sido considerados em muitos outros estudos, como apontado por Bybee (2010). Em prol desse objetivo, na próxima sessão, expomos a noção de rede e as relações que propiciam o pensamento analógico.

Rede, links e analogização

Conforme expõem Traugott e Trousdale (2013), a metáfora da *rede* é um tema recorrente nas gramáticas de construções. Segundo Goldberg (2003, p. 219), “a totalidade do nosso conhecimento da língua está compreendido numa rede de construções”. Croft (2007a) identifica dois princípios fundamentais da gramática de construções: um pareamento de estrutura e significado complexos e a associação desses pareamentos em

uma rede. Essa visão de estrutura da língua é compatível com o trabalho da psicologia cognitiva, que trata outros aspectos do conhecimento como sendo organizados em rede.

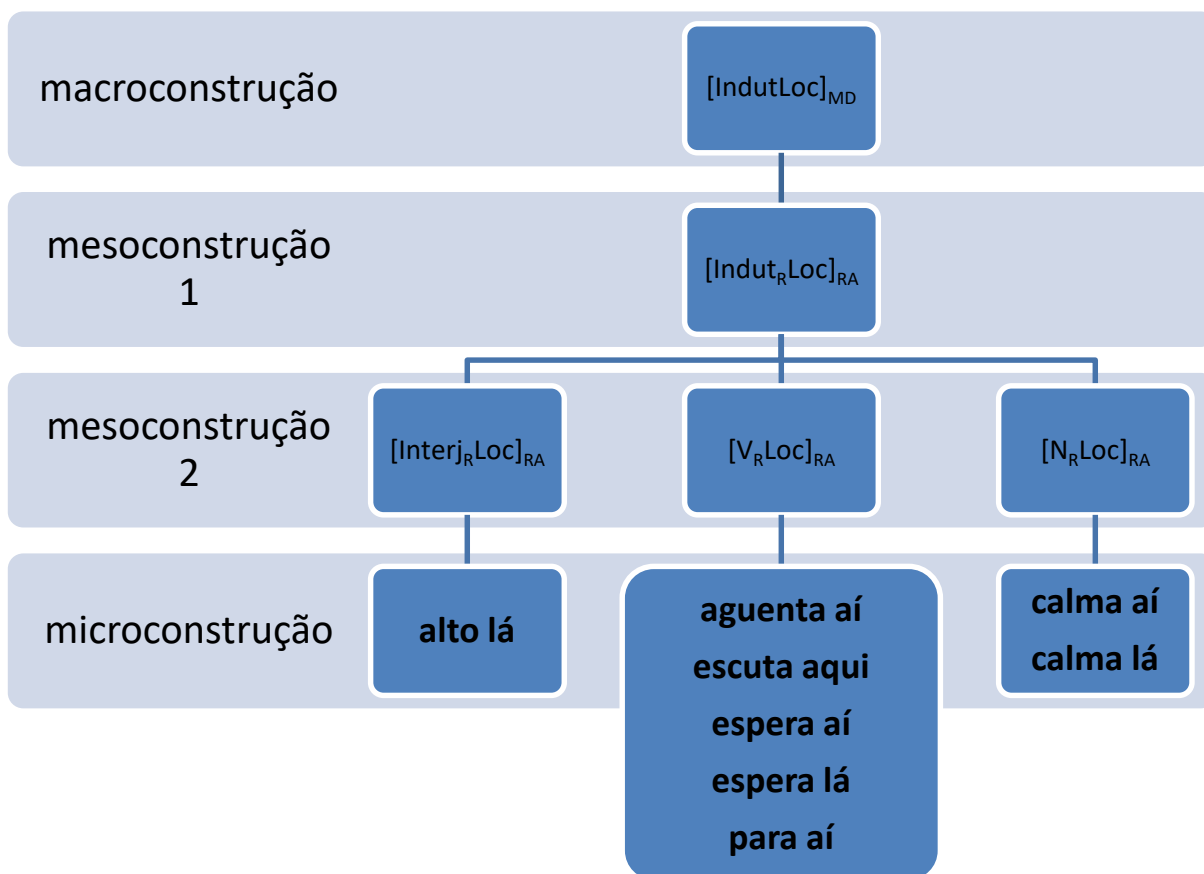
Essenciais à ideia de rede, tratados em Hudson³ (2007), são os conceitos de nós e links entre nós, “distância” entre membros de uma família, agrupamentos de propriedades, graus de enraizamento e acessibilidade de uma construção. Na linguística cognitiva, o postulado de rede não descreve uma parte da língua, e sim, sua inteira arquitetura, logo, tudo na língua pode ser descrito formalmente em termos de nós e suas relações (HUDSON, 2007^a, p.2). Essa ideia conforma-se à visão de Bybee (2010) de que a padronização da língua é parte de nossa capacidade de domínio geral de categorizar, estabelecer relações e operar tanto em nível local quanto global. A rede é um dos modelos centrais na linguística cognitiva devido ao entendimento de que a organização da língua não é intrinsecamente diferente da organização de outros aspectos da cognição. Hudson (1984, p.1) propõe que “a língua é uma rede conceptual”. Langacker (2008) descreve o seu modelo de gramática cognitiva como uma rede construcional.

Para Traugott e Trousdale (2013), alguns nós na rede representam esquemas, outros, subesquemas e outros, microconstruções. Em nossos estudos, optamos por utilizar os termos tratados por Traugott (2008)ⁱ: macroconstruções, mesoconstruções e microconstruções para nomear os diferentes níveis de abstração da construção, que consiste, em cada um desses níveis, em um pareamento de forma e função. Entendemos que os termos apresentados por Traugott (2008) – macro, meso e microconstruções – dão conta do pareamento forma-função em três diferentes níveis de abstração. Essa definição é compatível com os resultados obtidos na investigação de nossos objetos de pesquisa. Não adotamos a palavra “esquema” (e conseqüentemente “subesquema”) por constatar que o termo, no português brasileiro, em sua acepção mais concreta, está altamente vinculado a representações gráficas e simplificadas de algo, como diagramas, estruturas, figuras etc. Sendo assim, nesse contexto linguístico e cultural do português no Brasil, o termo estaria mais relacionado à forma de uma dada expressão. No entanto, os autores, cuja obra foi produzida em língua inglesa, valem-se do termo “esquema” para indicar, muitas vezes, a função mais geral de determinadas expressões sem apresentar forma

³ O modelo de Gramática de Palavras, desenvolvido por Richard Hudson, apresenta muitas semelhanças com a Gramática de Construções.

específica, devido a sua complexidade. A seguir apresentamos a representação da construção refreador-argumentativa, objeto de minha tese de doutorado, ainda em desenvolvimento:

Figura 1: Família da construção refreador-argumentativa



A visão de Traugott e Trousdale (2013) sobre a relação entre a estrutura da rede, o processamento da língua e o aprendizado dela está de acordo com aquela de Langacker e Goldberg, contudo, adaptada para se pensar a mudança. Segundo os pesquisadores, o ponto de partida das mudanças são os tokens ou construtos, que “são tokens empiricamente atestados [...], instâncias de uso em uma ocasião particular, proferidas por um falante específico (ou escrita por um escritor específico) com um propósito comunicativo próprio” (p. 51). Sua hipótese é de que ao processar um construto, o ouvinte tenta combinar o *input* com nós em sua rede. Algumas vezes, pode haver uma combinação completa entre o que o falante pretende e o que o ouvinte entende, mas, às vezes, isso não

acontece. O ouvinte pode relacionar todas ou alguma parte do enunciado com nós diferentes daqueles pretendidos pelo falante. Isso pode ocorrer em casos de ambiguidade já sancionados pelo sistema linguístico. Em alguns casos, pode não haver link direto disponível, levando o ouvinte a tentar realizar o melhor ajuste com um nó existente ou característica de um nó, resultando em sanção parcial. Trata-se, então, de inovação por parte do ouvinte. Observemos o seguinte exemplo:

Fragmento 4:

*O meu dinheirinho! o meu dinheirinho.. Era ali o sumptuoso gabinete de leitura e música de D. Ifigénia. Ornavam as paredes dois retratos a corpo inteiro: Calisto Elói com a farda de fidalgo cavaleiro, e Ifigénia trajada de amazona.. - Olha o meu marido! - clamou Teodora. - Aquela é a tal mulher? - perguntou à espantada Tomásia. #156 - Aquela é a Sr.a D. Ifigénia. - Vou rasgar aquele diabo! - berrou a morgada, arrastando uma cadeira para trepar. - Isso **alto** lá, minha senhora! - acudiu irada a despenseira. - V. Ex.a não estraga coisa nenhuma. E, se continua nesse disparate, eu mando chamar o cabo da rua para a pôr lá fora. - Pôr-me a mim lá fora! - bradou Teodora. - Sim, minha senhora, que isto não são termos. Nem me parece senhora! Cá em Lisboa acções destas só as praticam as peixeiras. (CASTELO BRANCO, Camilo. A queda dum anjo. 1866).*

A ambiguidade na função de “alto lá” está no fato de que o emprego do termo pode relacionar-se tanto ao refreamento da ação de arrastar uma cadeira para nela subir e estragar o retrato quanto ao refreamento da afirmação “vou rasgar aquele diabo!”. Traugott e Trousdale (2013) explicam: o falante produz um enunciado ambíguo, que pode ser analisado de mais de um modo. Os processos on-line, como a inferência sugerida, que surgem de um uso particular de um construto pelo falante, podem habilitar o ouvinte a analisar a sentença de um jeito particular, novo, sem encontrar uma construção existente que possa sancionar o construto. O ouvinte, então, cria um token/nó para o construto, e esse nó pode conter muita informação sobre o contexto do enunciado, o relacionamento entre falante e ouvinte e o fato de que o enunciado em questão é um signo, isto é, um pareamento de forma e significado. Enquanto o signo pode ter particularidades fonológicas e fonéticas, as características morfológicas e sintáticas podem ser menos

específicas ou, até mesmo, ausentes. De igual modo, as propriedades discursivas e pragmáticas do signo podem ser bastante ricas, mas o ouvinte pode não estar apto a acessar nenhuma semântica convencional a ele associada. Logo, para que o enunciado seja completamente processado, o ouvinte aplica o princípio do melhor encaixe para encontrar uma construção existente que forneça o alinhamento mais próximo das propriedades discursivas e pragmáticas do construto observado e do tipo construcional ou macro/mesoconstrução⁴ armazenada. É o que acreditamos ter ocorrido com enunciados ambíguos de “alto lá”, conforme exemplo 1. O ouvinte pode ter encontrado propriedades discursivo-pragmáticas e formais na macroconstrução [VLoc]_{MD}, desenvolvida por Teixeira (2015) pelas seguintes razões: 1. A macro em questão licencia meso e microconstruções marcador-discursivas, domínio em que se enquadra o termo *alto lá*; 2. Apesar de o *slot* ser preenchido inicialmente por verbos, entendemos que a força verbal da interjeição *alto* (oriunda do imperativo do verbo alemão *halten*) tenha sido ajustada à macroconstrução, proporcionando, após sua convencionalização, uma reconfiguração⁵ da rede. Quando o ouvinte tenta relacionar um construto com uma parte existente da rede construcional e falha, por não haver microconstrução que sancione completamente o construto, ocorre *mismatch*. O máximo que o ouvinte pode fazer é criar um link para alinhar o significado ou a forma do construto com o significado ou a forma de outra meso/macroconstrução existente na rede. Este ato baseia-se nas propriedades discursivo-pragmáticas associadas ao (novo) construto e à (pré-existente) macro/mesoconstrução. Ocorre, então, *mismatch* entre o significado pretendido e o compreendido.

A habilidade de construir significado relacionando características através da rede é essencialmente a habilidade de se pensar analogicamente. O pensamento analógico é a motivação que pode nos conduzir ao melhor encaixe para um construto temporário, que, se for adotado por uma população de falantes, pode gerar mudanças. Para Traugott e Trousdale (2013), nenhuma construção é inteiramente nova (com exceção dos empréstimos e de algumas criações) e, portanto, sempre haverá ao menos um link com uma característica de algum nó.

⁴ Traugott e Trousdale (2013) utilizam os termos *esquema* e *subesquema*.

⁵ Cf Traugott e Trousdale (2013); Torrent (2015).

Considerações finais

Entendendo que ocorre analogização da microconstrução *alto lá*, nosso objeto de pesquisa, com características das microconstruções licenciadas pela macroconstrução [VLOC]_{MD}, tratada por Teixeira (2015), havendo posterior convencionalização, projetamos investigar a provável reconfiguração da rede. A família da construção marcadora discursiva formada por verbo seguido de pronome locativo pode ter sofrido alteração, em viés sincrônico, de modo que outras construções, em diferentes níveis de abstração, podem ter sido agregadas à rede, por meio de links discursivo-pragmáticos ou formais. Por conta da agregação mencionada, delineamos uma nova roupagem à macroconstrução [VLOC]_{MD}, que passará a licenciar não só meso e microconstruções formadas por verbos, como também por nomes (calma!) e interjeições (alto!) que apresentem força injuntiva. Em prol de um agrupamento funcional, a categoria formada por verbos, frases nominais, interjeições ou outras classes gramaticais que denotem ordem, comando, exortação, conselho, sugestão, convite, solicitação ou súplica será nomeada como *indutora*. A escolha do termo justifica-se por entendermos que *induzir é levar alguém a agir ou pensar de determinada forma, é provocar ou favorecer a ocorrência de algo*⁶. Propomos, portanto, que ocorre reconfiguração da rede a partir da macroconstrução [Indut_RLOC]_{RA}, que será desenvolvida em minha tese de doutorado.

REFERÊNCIAS

BYBEE, Joan L. *Language, Usage and Cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

DIEWALD, Gabriele. A model for relevant types of contexts in grammaticalization. In: _____; WISCHER, Ilse (Ed.). *New reflexions on grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 2002.

⁶ Cf. AULETE DIGITAL (acesso em 2018)

_____. Context types in grammaticalization as constructions. In: Special Volume 1: *Constructions all over – case studies and theoretical implications*. 2006. Disponível em: <<http://www.constructions-online.de/articles/specvol1/>>.

_____; SMIRNOVA, Elena. Paradigmatic integration: the fourth stage in an expanded grammaticalization scenario. In: *Grammaticalization and Language Change: New reflections*. Davidse, Kristin, Tine Breban, Lieselotte Brems; Tanja Mortelmans (Ed.) [SLCS 130]. Amsterdam: Benjamins, 2012. p. 111-133.

GOLDBERG, Adele E. *Constructions: A new theoretical approach to language*. Trends in Cognitive Sciences, 2003. 7: 219–224.

HUDSON, Richard A. *Language Networks: The New Word Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

_____. *Word Grammar*. Oxford: Blackwell, 1984. Langacker, Ronald W. 2008. *Cognitive Grammar: A Basic Introduction*. New York: Oxford University Press.

LANGACKER, Ronald W. *Cognitive Grammar: A Basic Introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.

ROSA, Flávia Saboya da Luz. A construção [X_RLOC]: estágios da construcionalização gramatical. In: *Anais do XVIII SAPPIL – Estudos de Linguagem*, 2017.

TORRENT, Tiago Timponi. *On the relation between inheritance and change: the constructional convergence and the construction network reconfiguration hypotheses*. John Benjamins Publish Company, 2015

TRAUGOTT. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. In: Regine Eckardt, Gerhard Jäger, and Tonjes Veenstra (Ed.). *Variation, Selection, Development: Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008. p. 219-250.

_____; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
